

## Amados, amamos



Caríssimos Irmãos e Irmãs,  
depois de um ano muito intenso na vida da Ordem, da Igreja e do mundo, a aproximação do Natal nos faz sentir a necessidade de nos reunirmos em espírito e na oração em torno do Senhor nascido para nós e sempre presente entre nós.

### Sinal e instrumento de unidade

Quando o Filho de Deus nasceu no estábulo de Belém, imediatamente em torno a Ele se reuniram os pobres e os ricos, os santos e os pecadores, os sábios e os ignorantes. Todos se sentiram atraídos por Jesus e mais unidos uns com os outros.

Esta é a natureza da unidade da Igreja: a comunhão entre nós é a consequência imediata da comunhão com Cristo. Mas a unidade da Igreja não é exclusiva porque através dela Cristo atrai a si todos os homens, todos os povos. De fato, a Igreja é “sinal e instrumento de união íntima com Deus e da unidade do gênero humano” (*Lumen gentium* 1).

A Igreja não é isso de modo ideal, é através de nós, através dos seus membros. A natureza, a vocação e a missão da Igreja são a identidade, a vocação e a missão de cada batizado. Ser sinais e instrumentos da íntima união com Deus e da unidade de toda a humanidade é a vocação e missão fundamental de cada um de nós. A nossa vocação de batizados é servir a Igreja, ou melhor: ser a Igreja como sinal e instrumento de comunhão com Deus e de comunhão fraterna com todos.

Isto coincide com o seguinte que Cristo pede a cada batizado. Quando Jesus escolheu os doze apóstolos, o fez “para que estivessem com Ele e os enviassem a pregar” (Mc 3,14), isto é, para que cultivassem uma íntima amizade com Ele e a partir daí partissem em missão para reunir a humanidade na amizade de Cristo.

Como recorda com força, paixão e compaixão, o Papa Francisco na encíclica *Dilixit nos*, “sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus Cristo”, trata-se de aproximar-nos do Coração do Senhor para fazer experiência do seu amor ardente por nós e por todos.

O Coração de Cristo atrai-nos a si e ao mesmo tempo impeli-nos para a missão de cada batizado, que é aquela de comunicar a todos o fogo do seu amor.

## **Uma grande herança**

Quando vi citados na encíclica do Papa muitos dos nossos autores e santos místicos cistercienses, como Bernardo, Guilherme de Saint-Thierry, Lutgarda, Matilde e Gertrudes de Helfta, a princípio senti-me orgulhoso, mas depois perguntei-me: Mas eu vivo, vivemos nós na Ordem desta preciosa herança espiritual? Vivemos esta intensa e profunda amizade com o Senhor? Como transforma a nossa vida o seu Coração que nos ama infinitamente?

Talvez lemos os nossos padres ou madres com interesse intelectual e espiritual; mas o que fazemos com o seu testemunho e espiritualidade na nossa vida, no viver a nossa vocação?

Claro, o ideal destes santos é elevado, é sublime, é místico. Mas isto não nos justifica, porque estes mesmos autores, como o faz também o Papa, nos recordam que a mística cristã não é um cume inatingível, mas sim o acolhimento de uma amizade que Cristo veio oferecer-nos, descendo até nós na nossa frágil condição humana. É ali que se trata de deixar-nos amar pelo Senhor e de amá-lo por esta sua ternura e misericórdia.

Na verdade, os nossos padres e madres na fé e na vocação nos recordam que, se queremos seguir verdadeiramente Jesus, é sobre seu amor que devemos concentrar-nos. Tudo flui do seu Coração trespassado, cume da Paixão redentora e da revelação do mistério de Deus. Mesmo ressuscitado, Jesus começará a manifestar-se mostrando esta ferida e soprando sobre os discípulos o Espírito Santo que dá vida à Igreja, Esposa do Senhor e Mãe da humanidade regenerada dos filhos de Deus Pai (cf. Jo 20,19-22).

## **Amados, amamos**

Continuamente medito e cito uma frase essencial de uma carta de São Bernardo: *“Amati amamus, amantes amplius meremur amari – Amados, amamos, e amando merecemos ser mais amados”* (Carta 107).

Bastam as duas primeiras palavras: “Amados, amamos”. Nisto se diz tudo sobre Deus e tudo sobre o homem. Deus Trindade poderia dizer de Si somente isto: amados eternamente e infinitamente, amamos eternamente e infinitamente. Tudo na Trindade é amar e ser amado, sem nenhuma diferença entre os dois movimentos, numa coincidência, numa contemporaneidade total entre o amar e o ser amado que em última análise é a natureza da eternidade, daquele instante de amor sem fim no qual Deus vive, porque o amor em Deus é eterno, circulação eterna e total de amor infinito.

Quando encontramos Jesus Cristo e recebemos o dom do Espírito Santo, o amor de Deus vem tocar os nossos corações e inicia para nós uma história de amor sem fim, uma relação de comunhão eterna. Cristo comunica ao nosso coração a experiência de ser amados através do seu olhar, da sua palavra, dos seus gestos. O faz sobretudo através da Igreja, a comunidade cristã, isto é, todas as pessoas que partilham conosco o ser amados por Deus, o ama-lo e o amar-nos uns aos outros como Ele nos ama. Esta é a mística de comunhão que todos somos chamados a viver, cada um com o seu dom, o seu temperamento, as suas qualidades, mas também com os seus limites e

fragilidades. Cada vocação na Igreja é uma forma desta experiência. A missão de cada um consiste no transmitir esta experiência a todos que encontramos.

A vida monástica, tal como os nossos padres e madres nos transmitiram desde o início, é chamada a viver isto com particular concentração, para ser sinal do coração de toda vida cristã, de toda vocação e missão.

Esta vocação não deve nos assustar, nem nos entristecer porque somos tão incoerentes e ocupados com outras coisas, porque o nosso carisma é uma fonte inesgotável como o amor de Deus, uma fonte que permanece sempre ao alcance da nossa sede e da sede de toda humanidade que tanto carece de consciência e experiência de ser amada desde sempre e de poder amar para sempre. Basta reconhecer humildemente que é disso que temos sede.

Nisto já nos conforta o Deuteronomio, quando nos diz: “Na verdade, este mandamento que hoje te prescrevo não é difícil para ti nem está fora do teu alcance. Não está no céu, para que digas: ‘Quem poderá subir ao céu por nós para apanhá-lo? Quem no-lo fará ouvir para que o possamos cumprir?’ Não está do outro lado do mar, para que digas: ‘Quem atravessará o mar por nós para apanhá-lo? Quem no-lo fará ouvir para que o possamos cumprir?’ Ao contrário, esta palavra está bem ao teu alcance, está em tua boca e em teu coração, para que a possas cumprir”. (Dt 30,11-14)

Muitas vezes não nos abandonamos à graça de Deus porque pensamos que devemos subir ao céu para conquistá-la, quando na verdade Deus já desceu em meio a nós para nos dá-la. Não é isto que devemos contemplar e acolher com alegria no Menino de Belém? Não é isto que nos é recordado e doado em cada Eucaristia?

## **A alegria de Jesus**

É descobrindo o amor de Deus já totalmente revelado e oferecido que podemos experimentar a alegria de Cristo.

Jesus exultou no Espírito Santo exclamando: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, assim foi do teu agrado” (Lc 10,21). Assim nos revelou a natureza da sua maior alegria. Não tanto a alegria de receber um dom do Pai, mas de ser Ele mesmo doado pelo Pai aos pequenos, aos pobres, a todos. A verdadeira alegria não está em receber algo para si, mas em ser doado por Deus.

Descobrir que se é um dom de Deus é a maior graça da vida. Uma graça que coincide com a descoberta da própria vocação e missão que, em qualquer forma e estado de vida, é um ser inserido e conformado ao dom do Filho que o Pai faz ao mundo. Para viver isto, nos é doado o Espírito Santo, isto é, o Amor no qual o Pai e o Filho se amam, o amor com o qual amados, amam. É o dom que recebemos com o Batismo e a Crisma, na Eucaristia e através de todos os sacramentos. É o dom que a Palavra de Deus nos revela e a comunidade cristã nos permite encarnar em nós e entre nós.

Quando percebemos este mistério, já não nos preocupamos com o que podemos receber da Igreja, da nossa comunidade ou da vocação que abraçamos, porque compreendemos e experimentamos que a Igreja, a comunidade e a vocação são os instrumentos através dos quais Deus doa a nossa vida com Cristo ao mundo.

Somos transformados progressivamente pelo Espírito no dom que o Pai faz do Filho ao mundo, apesar das nossas resistências e quedas.

Não pode haver utilidade e realização da nossa vida maior do que esta, porque o mundo inteiro precisa apenas de Cristo, e se não doamos Ele, é inútil dar qualquer outra coisa.

Que este ser tomados e doados seja uma plenitude de alegria, não podemos entendê-lo, mas o experimentamos se com pobreza de coração nos abandonamos às mãos de Deus que, como o pão da Eucaristia, toma o nosso nada, parte-o para o partilhar e o dá sem medida. É a alegria dos santos, a alegria dos mártires, a nossa alegria que muitas vezes desfrutamos sobretudo nas pequenas coisas, oferecendo-nos nos simples serviços e na atenção aos outros que o Senhor nos pede na realidade quotidiana.

Sem esta disponibilidade para nos deixarmos tomar como dom, no coração cresce a tristeza, a insatisfação, o lamento, que tornam a vida estéril, mesmo que se talvez se consiga acumular riquezas e honras mundanas.

Hoje mais do que nunca é importante nos ajudar a viver como Jesus para poder alegrar como Ele, dando fruto para o Reino.

### **Identidade sinodal**

No final do Sínodo dos Bispos, depois de um mês de escuta e diálogo com tantos representantes das Igrejas espalhadas pelo mundo inteiro, foi-nos entregue a encíclica *Dilexit nos*. O fruto do Sínodo não deve ser uma melhor organização da Igreja, que terá sempre as suas pobreza humanas, mas uma ajuda mútua mais consciente e decisiva no viver a comunhão para encarnar a missão do amor de Cristo a humanidade.

Durante o Sínodo pensei muitas vezes na sinodalidade vivida nas comunidades e entre comunidades que São Bento com a Regra e os primeiros Cistercienses com a *Carta caritatis* nos transmitiram. Mas mesmo neste caso perguntei-me: o que fizemos com esta preciosa herança? Devemos admitir que nem sempre a vivemos bem e, portanto, não a testemunhamos suficientemente à Igreja.

Mas mesmo a sinodalidade, como a mística do Coração de Cristo, não é apenas uma boa prática: pertence à identidade carismática da Ordem, como pertence à identidade da Igreja. A identidade é como a alma de um corpo. Não se trata tanto de recuperar um objeto perdido, mas de reviver órgãos e músculos que se atrofiaram em maior ou menor grau em nós e entre nós. A graça de Deus pode sempre fazer isto, como quando, na visão de Ezequiel, um vale inteiro de ossos secos, ao sopro do Espírito, foram reunidos e recuperaram carne viva e a alma para que o povo de Deus ressuscitasse (cf. Ez 37,1-14).

Necessitamos desta nova vitalidade do Corpo de Cristo que formamos, para sermos no mundo o fermento de um povo de Deus que una a humanidade na paz e no amor. O mundo inteiro precisa ser amado para aprender a amar. Caso contrário, a experiência de ser odiado, hoje demasiado difundida, apenas produzirá mais ódio. A humanidade sofredora grita: “Odiados, odiamos!”. Cristo nos envia para anunciar que “amados, amamos”, até os nossos inimigos.

## **Peregrinos de esperança**

Quando pensamos na natureza sinodal da Igreja e das nossas comunidades, não devemos então pensar antes de tudo no aspecto organizacional. A sinodalidade é essencialmente uma questão de amor mútuo que flui da consciência e experiência que Deus nos ama por primeiro. A sinodalidade torna visível entre nós que somos amados por Deus para amar como Ele, criando assim entre nós uma comunhão capaz de levar a Cristo o mundo inteiro.

Gosto de ilustrar a sinodalidade eclesial com o episódio dos quatro amigos que trazem um paraplégico a Jesus para curá-lo (cf. Mc 2,1-12). Fazem um “caminho juntos”, sinodal, na fé em Jesus, para levarem a si mesmos e o seu amigo doente à presença do Salvador. Certamente, enquanto caminham, conversam e escutam-se, procurando o consenso e a harmonia entre eles, para partilhar o peso do doente e o esforço de levá-lo ao telhado da casa para baixá-lo diante de Jesus, cada um oferecendo as forças que tem e pedindo ajuda para aqueles que não tem. Entre eles a comunhão, o amor, a amizade torna-se trabalho, torna-se carne, e por isso torna-se mais evidente para eles próprios, para o paraplégico e para quem os vê. E é este amor mútuo que, em última análise, permite que a Cristo de se manifestar a eles e a todos como Salvador e Redentor do homem.

É assim que somos chamados a viver a sinodalidade entre nós. O paraplégico a ser levado a Jesus juntos representa cada um de nós, mas também o mundo inteiro, a humanidade doente, dividida, perdida. Só Jesus pode salvar a todos nós, perdendo-nos os nossos pecados e curando-nos daquilo que nos impede de caminhar numa vida nova.

A experiência mais bela que faço na Ordem não é quando tudo vai bem, mas quando podemos cuidar juntos de quem vai mal. A sinodalidade da cura é já plenitude de comunhão, mais fecunda que qualquer sucesso.

Dentro de algumas semanas terá início o Jubileu, um tempo extraordinário de graça que o Santo Padre colocou sob o lema: “Peregrinos de esperança”. O caminho conjunto daqueles que levaram a Jesus o seu amigo necessitado é um ícone do que significa ser peregrinos de esperança. Queremos, irmãos e irmãs, estar assim juntos e deste modo durante este ano jubilar para receber a graça de viver sempre assim, renovando a vida da Ordem e da Igreja?

Talvez a minha Carta de Natal se é lentamente transformada em uma Carta de Páscoa... Mas, em última análise, por que Jesus nasceu em Belém, senão para oferecer a sua vida até a morte na Cruz e ressuscitar para nos comunicar o dom da sua vida que faz ressuscitar o dom da nossa?

Que este Natal nos dê o dom de partilhar com alegria e esperança, como o fez imediatamente a Virgem Maria, o Amor que nos ama gratuitamente e que nos permite amar-nos com gratidão!



*Ir. Mauro-Giuseppe Lepori OCist*